

COIL COMO DESTRUIR ANJOS

Tornaram-se companheiros de ideais numa fugaz passagem pela formação original dos Psychic TV. John Balance e Peter Christopherson (vindo dos lendários Throbbing Gristle) depressa decidiram que sózinhos é que faziam a diferença. Como viria a acontecer, com os Coil, cuja entrevista há muito se impunha.

Vocês conheceram-se nos Psychic TV, estou correcto?

PC - Na verdade conhecemo-nos antes. O John faltou à escola para ir assistir à gravação de «Heathen Earth» dos Throbbing Gristle. Mas só mais tarde é que nos começámos a dar...

Como vêes hoje os T.G., Peter?

PC - Foi uma grande experiência e julgo mesmo que deixámos uma enorme influência que percorre ainda muitas pessoas, o que é óptimo e... ainda hoje recebo os cheques (risos). Não é muito, mas é muito mais do que alguma vez esperámos receber.

O que é que esperavas em 1976?

PC - Nada. Absolutamente nada!... Apenas prensámos 600 cópias de «2nd Annual Report» porque nunca sequer pensámos conseguir vendê-lo. E hoje, essa edição original, vale muitas centenas de libras... Mas foi um grande período da minha vida. Muito criativo. Fazíamos muitas coisas excitantes.

Das consequências práticas da existência dos T.G. já muito se falou, mas qual era realmente o vosso objectivo de então. Chocar? Abrir novas portas?...

PC - Essencialmente o de descobrir coisas novas em nós próprios. Ilustrar interesses escondidos das pessoas, fossem eles mórbidos, sexuais ou o que quer que fosse. Chocar não era a intenção, como propósito. Esses assuntos interessavam-nos e por isso o nosso trabalho criativo reflectia-os. No fundo, apenas usávamos formas e instrumentos pouco habituais e atingíamos uma audiência diferente.

Qual era a reacção de uma audiência, «in loco», a tudo isso?

PC - Alguns desmaiavam. Outros vomitavam. Os outros ficavam e divertiam-se! Mas o que de bom ficou, e o melhor dos T.G., foi o de atingir uma geração de pessoas, hoje minha contemporânea, em vez da habitual dúzia de intelectuais de galeria de arte, apenas interessados em comprar o catálogo para depois se poderem ir embora, esquecendo tudo imediatamente.

Eram dolorosas as actuações que praticavam então, não?

PC - Eu não as faria agora... por isso suponho que sim. Na altura não pensávamos nisso. Faziam parte da nossa vida.

O que é que ficou da música industrial para hoje?

PC - Os T.G. começaram-na. Deram-lhe forma e conteúdo. Outros como os Cabaret Voltaire e os Clock Dva continuaram e diversificaram-na... Hoje, o termo mais não serve do que para catalogar um certo tipo de música, com sons metálicos e samples duros, tipo Front Line Assembly, que para mim não passam do simples rock'n'roll. Agora, já não há revolução!

Mas não foi considerada a «dance-music» a nova revolução!?

PC - Algumas coisas do final dos anos 80 foram bastante interessantes. Especialmente no modo como essa música foi utilizada para mudar as mentalidades. Aí é que está a revolução e esta tinha um objectivo muito específico.

Que depois se tornou em entretenimento!

JB - Sim, mas a «dance culture», ou «club culture», começou por ser uma experiência extremamente significativa e mesmo quase religiosa. Ganhava-se algo com a situação e com o momento e as pessoas enriqueciam-se. Era importante sair. Importante interiormente. Os

«clubs» tomavam então quase a forma de um palácio ou de uma catedral. Ali passavam-se coisas.

É «Love's Secret Domain» (L.S.D.) o «dance album» dos Coil?

PC - Não, não. Não fazemos música de dança porque nem sequer sabemos como a fazer. Podemos apreciá-la e até usá-la, mas não é uma forma de música que nos satisfaça. O seu conteúdo e o seu vocabulário são muito limitados como meio criativo, pois exigem um funcionamento específico entre a mente e o corpo.

Mas o maxi «Windowpane», com as suas versões, é um típico produto de dança, não?

JB - Não porque o seu ritmo é demasiado lento para isso. Para além de que o lado B é extremamente sónico/destrutivo. Digamos que é uma espécie de compromisso.

Tem sido uma longa caminhada evolutiva desde os T.G., passando pelos P.TV, até aqui, ao «L.S.D.»! Como é que sentem este percurso?

JB - Tudo mudou muito. Mas o que conta é que debaixo de todas estas roupagens a atitude tem sido muito semelhante: ver até que ponto conseguimos aguentar e permanecer puros. As coisas só começam a correr mal quando as pessoas acreditam nas próprias camuflagens que envergam!

Isso parece-me uma crítica directa ao Genesis P. / Psychic TV e à Temple Ov Psychik Youth?

JB - Sim, porque tudo aquilo era muito bom. Existia um clima familiar e pretendia-se criar uma espécie de comuna, onde qualquer um se podia deslocar para consultar livros ou trocar informações. Para além disso, as pessoas não percebiam muito bem o que fazíamos ou o que representávamos, e assim conseguíamos manipular e controlar as situações. Havia uma perspectiva subversiva. Mas depois o dinheiro começou a entrar e às tantas tornou-se importante e directivo. Essa foi uma das razões da nossa saída.

PC - Nos tempos dos T.G. éramos muito fechados e independentes. Com os P.TV passámos a encorajar a comunicação e os seguidores, e isso despertou no Gen uma vontade de ser líder. Ele começou a idolatrar a sua própria imagem e isso é fatal. Para além disso nessa altura casou-se e passou a ter uma família, deixando de viver da pensão social como sempre havia feito.

E os Coil? Começaram, pelo menos no nome, por ser um projecto só teu (JB)!

JB - Os Coil começaram por ser, basicamente, os bocadinhos de música que eu fazia, sozinho, extra-P.TV. Depois, existiu também a ideia de ser um projecto com o Jim Thirwell (Foetus), mas acabou por ser como foi, eu e o Pete.

Ainda assim trouxeram para os Coil muitas influências dos P.TV, não? Lembro-me da sonoridade obscura e ritual do vosso primeiro álbum «Scatology».

PC - Nós não as trouxemos. Aquilo que tu falas são coisas nós demos aos P.TV. Não as sentimos como sendo dos P.TV, mas como nossas.

Existiu então mais uma perspectiva de continuidade ou de mudança?

PC - Para mim houve uma grande diferença. Os Coil foram um regresso à verdade. Foram um regresso a nós próprios.

JB - Para além disso, nós somos o que fazemos e aquilo que nos interessa. Mudar os tópicos não fazia sentido!

No seguinte, «Horse Rotorvator», trocaram a imagem anterior por uma presença constante da ideia de morte, porquê?

PC - Os discos reflectem aquilo que nos preocupa e ocupa no momento, pois a nossa vida está intimamente ligada com a música. Acerca desse momento em particular, posso te dizer que então muitos dos nossos amigos estavam à beira da morte e alguns já tinham mesmo morrido devido à Sida. A morte estava à nossa volta de uma forma terrível!

Qual é a vossa relação, a nível musical, com os vossos amigos? Já falaram de Jim Thirwell, mas eu lembro-me também de Gavin Friday, Marc Almond...

JB - São grandes amigos e é tão simples como isso. Se acontecer estarem por perto num momento de gravação, tudo pode acontecer.

E o Stephen Throwar, no início também designado como o terceiro elemento dos Coil?

JB - Apareceu à nossa porta um dia!...Mas o que deve ser claro é que o grupo Coil não deve ser visto como sendo nós, apenas. Há, por exemplo, engenheiros de som que fazem muito pelo grupo, como o Danny Hide. Ele devia ser considerado como um elemento dos Coil, a avaliar pelo seu trabalho.

PC - O que interessa é que não sentimos como necessário definir quem está por detrás do nome. Na essência, os Coil são uma faceta funcional das nossas ideias e do que sentimos pela música. O que conta é o produto e o que ele motiva. As personalidades envolvidas perdem o sentido da relevância no produto final.

Acerca da banda sonora proposta para o filme de Clive Barker, «Hellraiser». Estamos a falar de outro tipo de intervenção. Como é que surgiu isso?

PC - É tudo muito simples. O Clive é nosso amigo de longa data e muitas das ideias do filme surgiram-lhe mesmo depois de ver algumas das nossas revistas sobre tatuagens e coisas do género, ou mesmo de muitas conversas que tivemos entre nós. Depois, quando surgiu a oportunidade de avançar, ele começou a escrever o argumento e nós a música. A meio das filmagens, os produtores não gostaram da forma como o filme estava a evoluir e obrigaram-no a reconverter todos os personagens e a história para o estilo americano-tipo. Obviamente, acharam a nossa música muito estranha. Não era suficientemente Hollywood!

Em «L.S.D.», contudo, foi a revolução. Uma outra direcção rítmica, novos sons, novas formas...Pode ser tomado como a vossa interpretação da «dance culture»?

PC - «L.S.D.» não tem faixas potencialmente dançáveis! As influências «dance» estão apenas na mente.

JB - Só em 1988 é que chegámos mesmo a fazer bastantes faixas de dança, na linha «acid-house», mas nunca as lançámos para não parecer que estávamos a querer apanhar o comboio. Em «L.S.D.» o que existe é um psicadelismo patente, na medida em que pretende de alguma maneira modificar a tua percepção. Foi deliberadamente preparado nesse sentido.

Com ou para o uso de drogas (LSD)?

JB - Nós abusámos delas durante a elaboração do disco, sim. Mas não necessariamente LSD, isso foi mais uma piada! Havia a esperança e o objectivo de alcançarmos um certo resultado.

Musical?

JB - Não, pessoal. Mas que se pudesse ouvir, ou sentir, de algum modo.

«L.S.D.» é um disco mais optimista que os anteriores...

JB - É acerca do prazer e das sensações. É um disco de electricidade e de drogas. Sensações físicas!

Reflexo da vossa vida pessoal?

JB - Foi mais uma escolha; a de enfatizar determinada área.

Porém, o vosso último lançamento, a reconversão de «How To Destroy Angels» para CD, não reflecte essa forma de estar!?

JB - Não concordo. A música de «How To Destroy Angels» também pretende te levar a qualquer lado. Um transe ou seja o que for. Pode ser calmo e meditativo. Quase religioso. Mas é apenas outro lugar onde a mente pode ir. Outro caminho.

Não deixa de ser completamente diferente, ainda assim!

JB - Mas a música não é só aquilo que tu ouves. O barulho. É algo mais. Eu acho que as pessoas podem tratar os discos dos Coil de uma maneira semelhante. «How To Destroy

Angels» é um disco de música ritual, mas os outros também o são, mesmo que não da mesma maneira. A música dos Coil tem um objectivo específico. Para a ouvires, tens de te preparar para ela, entrar nela. Exige um determinado ambiente e um esforço da nossa parte.

Um envolvimento pessoal. Dar e receber!

JB - Sempre.

João Correia